

A CONTRIBUIÇÃO DO CINEMA NA CONSTRUÇÃO DO TEMA SEXUALIDADE

Margareth Costa Neves

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo verificar a contribuição do cinema na construção da temática da sexualidade por alunos do ensino médio de uma escola pública no Rio de Janeiro. A puberdade é indicada por transformações biológicas, hormonais e comportamentais que marcam uma fase determinante da sexualidade. A escola é o ambiente propício para discutir o assunto, visto que é tema transversal dos parâmetros curriculares nacionais (PCN). Foi utilizado um questionário elaborado pelos autores que continham perguntas sobre a temática e os dados foram analisados para a obtenção dos resultados. Observou-se que o cinema ainda é pouco usado nas escolas e pouco entendido pelos alunos como ferramenta pedagógica e que ainda há muitas dúvidas dos discentes com relação à sexualidade. Além disso, torna-se importante focar o estudo da anatomia e fisiologia para que os adolescentes compreendam as mudanças naturais na sua imagem corporal.

Palavras-chave: Cinema. Sexualidade. Escola.

ABSTRACT: This study aimed to verify the film's contribution in the issue of construction of sexuality by high school students in a public school in Rio de Janeiro. Puberty is marked by biological, hormonal and behavioral changes that mark a decisive phase of sexuality. The school is the enabling environment to discuss the matter because it is cross-cutting theme of national curriculum guidelines (PCN). It used a questionnaire developed by the authors that contained questions on the subject and the data were analyzed to obtain the results. It was observed that the film is still little used in schools and little understood by students as a pedagogical tool and there are still many questions by students regarding sexuality. In addition, it is important to focus on the study of anatomy and physiology so that teens understand the natural changes in their body image.

Keywords: Movie. Sexuality. School.

INTRODUÇÃO

A puberdade é um período de rápido crescimento físico e maturação sexual que finaliza a infância e dá início à adolescência (CONTI et al., 2005). Esse período é marcado por transformações biológicas, hormonais e comportamentais que marcam uma fase determinante da sexualidade (PALÁCIOS, 2004). É importante que seja discutida a sexualidade nesse período, pois muitas são as dúvidas. Nesse sentido, a educação sexual precisa ser um tema a ser discutido nas escolas, uma vez que, no âmbito familiar, muitas vezes essas questões são negligenciadas.

Importante ressaltar que essas questões necessitam ser abordadas por educadores preparados, na medida em que desenvolvam estratégias metodológicas para não gerar conceitos distorcidos e equivocados. Hoje, a educação sexual, quando discutida nas escolas, fica restrita a assuntos sobre reprodução na área de ciências naturais com noções relativas à anatomia e à fisiologia, focando apenas o corpo biológico, além de assuntos como DSTs, em especial a AIDS, e gravidez; esquecendo-se das discussões no âmbito social e psicológico (FIGUEIRÓ, 2006). A orientação sexual, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), não está apenas relacionada à promoção de saúde, mas também ao exercício da sexualidade com prazer e responsabilidade.

A finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades (BRASIL, 1998, p. 27).

Para Figueiró (2006), a sexualidade inclui o sexo, afetividade, prazer, sentimentos mútuos de bem querer, comunicação, bem como valores e normas morais que a cultura coloca sobre o comportamento sexual, sendo que cada cultura tem suas particularidades.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida; é a energia que motiva a encontrar o amor, contato, intimidade e se expressa na forma de sentir. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos,

ações e interações e, portanto, a saúde física e mental (SANTOS, 2013).

O uso de filmes em sala de aula tornou-se uma metodologia importante, que é destacada na Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996. Segundo o parágrafo 8 do artigo 26, a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

A linguagem cinematográfica aproxima o espectador da realidade. Seu uso em sala de aula pode despertar o interesse dos alunos sobre vários temas, sobretudo o da sexualidade. O cinema tem o poder de fazer o telespectador vivenciar experiências, sensações e emoções adormecidas e com as quais não dialoga por não ter essas vivências em seu cotidiano (ROCHA et al., 2015). Os filmes exerceram e exercem pedagogias da sexualidade sobre as plateias (LOURO, 2000).

Na vasta literatura existente sobre linguagem cinematográfica, um aspecto ressaltado refere-se ao fenômeno da impressão de realidade produzida pelo cinema narrativo, à medida que este contém vários elementos da realidade (METZ, 1972 apud SIQUEIRA, 2011). Os filmes são instrumentos didáticos importantes, pois se relacionam facilmente com a realidade, com uma linguagem mais próxima dos alunos do que aquela usada pelos professores nas salas de aula, e, além disso, quebra a rotina professor/giz/lousa (ROSA, 2000; SCHEID; PANSERA-DE-ARAÚJO, 2008 apud MENEZES et al., 2013).

Maia et al. (2005 apud MENEZES et al., 2013) discutem as vantagens dos filmes como recurso de ensino de literatura, afirmando que, em relação à transmissão do conhecimento, o filme é melhor do que a linguagem verbal e escrita, porque há acesso imediato ao psiquismo e mais de um canal sensorial é acessado no cérebro. Isso gera reações emocionais e afetivas, facilitando o processo de aprendizagem e memorização, e além disso, promovendo contato e estreitamento social.

Muitos autores têm utilizado o cinema como ferramenta para o tema sexualidade. Menezes et al. (2013) utilizaram o filme "Qualquer gato vira-lata" para realizar discussão sob o ponto de vista emocional e social com alunos do 9º ano de uma escola de ensino

fundamental. Rocha et al. (2015) trabalharam com o tema sexualidade e gênero em uma escola de ensino médio e inferiram que os filmes apresentam potencial relevante para a discussão do assunto. Além disso, comenta que a escola, apesar de apresentar organização e cultura próprias, configura-se um espaço plural, com grande diversidade.

Ao perceber uma nova geração de adolescentes que surgiu há um tempo, ligada à tecnologia de informação, o ensino de ciências e biologia deve acompanhar essas mudanças repensando a metodologia e o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais dinâmico.

A adolescência é uma fase em que há uma identificação forte com a imagem corporal e, ao assistir filmes, quase sempre, o espectador se identifica com o personagem sendo uma estratégia interessante para novos paradigmas que envolvem valores, questões, problemas, ideologias relacionadas à sexualidade. Além disso, como a adolescência é um período de questionamentos, muitos adolescentes não compreendem essas mudanças corporais. Torna-se importante explicar o processo hormonal característico da fase, que promove mudanças biopsicossociais, e que pode ser incluído nos conteúdos de fisiologia e anatomia humana. O uso da metodologia do cinema na sala de aula torna-se uma ferramenta importante como forma de agregar aos temas abordados pela Biologia, principalmente em relação ao tema da sexualidade, por ser uma prática educativa crítica e reflexiva.

Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é verificar a contribuição do cinema na construção da temática da sexualidade por alunos do ensino médio de uma escola pública no Rio de Janeiro.

METODOLOGIA

Foi feita uma análise qualitativa dos dados através da aplicação de um questionário com perguntas fechadas sobre a temática da sexualidade, para alunos do curso de Mecânica do ensino médio da Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) no Rio de Janeiro. Os alunos participaram voluntariamente da pesquisa e o questionário foi aplicado pelo professor no final da aula.

Participaram, ao todo, 105 alunos de nível socioeconômico médio e baixo, sendo 81 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, na faixa etária entre 15 e 19 anos. Os questionários foram distribuídos na sala de aula pelo próprio professor de Biologia. Todos os alunos estavam presentes e, após esclarecimentos gerais, os alunos responderam individualmente ao questionário.

Os dados foram analisados qualitativamente por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2004 apud CHRISTOFOLETTI, 2009) e foram consideradas todas as respostas apresentadas pelos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior quantidade dos discentes se concentra na faixa etária entre 15 a 19 anos, o que justifica a maioria estar vivenciando a adolescência ainda. Muitos deles moram com os pais e os irmãos e procuram se informar a respeito da sexualidade com eles (40%); 4% dos alunos informaram que não se sentem à vontade para conversar com os pais sobre o assunto e a escola ajudaria muito, porém a maioria conversa com os seus amigos (48%) e utiliza a internet (77%) para seus questionamentos sobre a sexualidade. Verifica-se que as dúvidas que os alunos buscam pela internet, através dos amigos e dos pais nem sempre são esclarecidas, podendo as informações ser precárias e superficiais, e, tratando-se especificamente de internet, nem todos os sites tratam a sexualidade de modo adequado (AMORIM; MAIA, 2012).

Torres, Beserra e Barroso (2007) discutem que tais meios de comunicação podem negligenciar a educação sexual, ao tratar a sexualidade com sensacionalismo, visando a outros fins, como obtenção de grande audiência, sem resultados e reais interesses educativos. O que observamos é que, apesar do grande acesso à informação sobre sexualidade, muitos adolescentes ainda são desinformados sobre essa temática.

O conceito sobre sexualidade pode ser variado conforme a cultura que se estabelece e, mesmo assim, pode ainda ser diferente dentro de uma mesma cultura, dependendo de fatores históricos, que conferem a eles caráter econômico-político (ABDO, 1991). A sexualidade, para os alunos, está relacionada com a afetividade e o desejo (62%), seguidos do ato sexual (35%). Isso pode demonstrar os anseios

do adolescente a respeito da sexualidade, indo além do ato sexual em si, corroborando com o conceito de sexualidade dado pela OMS, mesmo tendo pouca informação sobre o assunto.

O conhecimento anatômico e fisiológico do corpo é abordado na disciplina de Biologia, sem incluir a educação sexual intencional; 86% dos alunos concordam que o conhecimento fisiológico e anatômico do corpo humano ajudaria no conhecimento da sexualidade. A anatomia, na verdade, diz respeito a um processo vivo e dinâmico que dá origem ao sentimento, ao pensamento e à ação. É preciso repensar a forma de conhecer o corpo. O amor e a intimidade mudam a expressão emocional que emerge novas formas somáticas (KELEMAN, 1992). Se a sexualidade, segundo os alunos, está relacionada com a afetividade e o desejo, torna-se importante discutir a educação sexual juntamente com o estudo da anatomia e fisiologia do aparelho genital masculino e feminino.

A maioria dos alunos acha importante falar sobre sexualidade e percebe a escola como o espaço ideal que deveria abordar o tema para dar informações e esclarecer dúvidas. Segundo um deles, “é na escola que se forma a sexualidade, pois é lá que ele passa mais tempo e outros colegas passam pelos mesmos problemas”.

Outros comentam:

“Não é um tema que deva ser omitido hora ou outra, o ser humano descobrirá a respeito, logo, que seja melhor a existência de instrutores, para evitar ou ao menos amenizar os imprevistos e contratempos.”

“Com a rápida evolução dos jovens contemporâneos, a vida sexual deles está acontecendo rápido demais. As mídias e familiares não propõem ajuda, ficando as informações a par dos jovens, fazendo procurar por si próprio.”

Além disso, conhecer a temática ajuda a prevenir contra as DSTs e também diminui os casos de gravidez e aborto. Isso demonstra que é possível haver um maior autocuidado (AMORIM; MAIA, 2012). O trabalho de Torres, Beserra e Barroso (2007) corrobora com esse dado, apresentando falas de jovens que se queixam de não poderem falar mais com seus pais sobre o assunto e expõem que seria melhor se pudessem conversar sobre isso, com o intuito de prevenir situações indesejadas relacionadas ao tema. Ou seja, os adolescentes mostram-se conscientes da necessidade de conhecimento visando à prevenção e preocupados com isso.

Discutir sobre sexualidade na escola também ajuda a diminuir o tabu e o preconceito, a desenvolver a maturidade, a entender melhor o parceiro, aumenta o rendimento e o prazer, e ajuda a conhecer os métodos contraceptivos. Segundo o comentário de um aluno: “É um tema natural e deve parar de ser tratado como tabu”. Apenas 6% dos alunos disseram que a escola NÃO é o local apropriado para discutir esse assunto e deve ser tratado pela família. Apenas um aluno informou que esse NÃO seria um assunto que deveria ser discutido na escola, pois existem outros assuntos mais importantes.

A maioria dos alunos acha que o tema deveria ser abordado na escola através de debates e palestras. Apenas 21% utilizariam o recurso dos filmes para discutir sobre a sexualidade, apesar de 66% concordarem que os filmes seriam um recurso importante para contribuir no entendimento sobre a sexualidade e 60% deles assistem a filmes para entender melhor o assunto.

Alguns deles comentam:

“O cinema é uma forma visual e intuitiva de aplicar exemplos, situações, soluções etc.”

“Alguns filmes podem explicar de uma forma mais interessante que certas aulas e debates.”

“O filme pornô ajudaria sim na sexualidade, até em algumas posições de sexo, mas atrapalharia em muitas coisas como, por exemplo, o “selvagerismo” de alguns sexos.”

Um dos alunos comentou que “gosta de comédias para abordar o tema sexualidade”. Apenas um aluno disse que o filme não tem influência sobre a sexualidade: “Para mim, a sexualidade é de dentro para fora. Nenhuma influência de filmes pode modificar a sexualidade de ninguém”. Henrique et al. (2014) observaram que a maioria dos alunos concordam que deve trabalhar a educação sexual nas escolas, realizando, principalmente, aulas de educação sexual e palestras, seguidas de filmes e debates.

Um aluno informou que os filmes teriam conteúdo informativo se fossem voltados exclusivamente para adolescentes; 7% não acham que os filmes contribuem, ou porque não mostram a realidade, ou porque não apresentam foco educativo, ou ainda porque alguns mostram exemplos de selvagerismo. Outros alunos acham que a importância em utilizar os filmes para discussão do tema reforça o lado prático e ajuda no desempenho, prepara para o ato sexual, estimula o desejo, mostra a reali-

dade, serve para fazer comparações com outras pessoas e para ter mais “liberdade” em relação ao assunto, tornando-o mais interessante. Segundo um aluno, o uso dos filmes em sala de aula seria importante, desde que não tenha conteúdo pornográfico. Outro aluno afirma: “Sempre quando vemos um filme nos identificamos com o personagem e que parece com a realidade”.

O cinema é uma ferramenta importante para o auxílio na discussão da temática sexualidade, alcançando facilmente o público adolescente; apesar de a maioria dos filmes abordar temas variados.

No caso do uso do cinema para a formação e informação acerca das questões da sexualidade, diversidade sexual e de gênero, os participantes “são capazes de se identificar com o drama, sofrer com os personagens [...], pois os sofrimentos e as alegrias no filme representado dizem respeito às condições humanas” (ARAÚJO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os resultados, percebemos que os alunos buscam mais a internet do que os filmes para as suas dúvidas quanto à sexualidade, apesar de a maioria concordar que os filmes poderiam ser recursos interessantes. O cinema ainda é pouco usado nas escolas e pouco entendido pelos alunos como ferramenta pedagógica. Apesar de a sexualidade ser tema transversal, é pouco explorada na sala de aula, talvez pelo fato de professores não se sentirem preparados para discutir o tema mesmo nas disciplinas de Ciências e Biologia. Ainda há muitas dúvidas dos discentes com relação à sexualidade, e a escola deve ser o ambiente adequado para essa discussão.

O uso do cinema deve ser visto como estratégia pedagógica importante, mas não complementar. Pretendemos incentivar seu uso dentro da sala de aula, relacionando-os aos conteúdos das disciplinas de Ciências e Biologia. Além disso, torna-se importante focar o estudo da anatomia e fisiologia para que os adolescentes compreendam as mudanças naturais na sua imagem corporal que podem causar conflitos psicológicos e na vida social.

REFERÊNCIAS

- ABDO, C. H. N. Sexualidade e cultura. Boletim do Corpo Clínico, v. 12, n. 46, p. 5-6, 1991.
- ALBINO et al. A sexualidade pelo olhar das jovens: contribuições para a prática do médico de adolescentes. Revista paulista de pediatria, 23(3); 124-9, 2005.
- AMORIM, R. M.; MAIA, A. C. B. Sexualidade na adolescência: dúvidas de alunos de uma escola pública. Revista ibero-americana de estudos em educação, v. 7, n. 4, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/6290/4700>>. Acesso em: 28 nov. 2015.
- ARAÚJO, A. R.; VOSS, R. C. R. Cinema em sala de aula: identificação e projeção no ensino/aprendizagem da língua inglesa. Conexão – Comunicação e cultura (UCS), Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun., 2009.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. In: CHRISTOFOLETTI, R. Educação Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 603-616, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>>. Acesso em: 24 jan. 2016.
- BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 24 jan. 2016.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Orientação sexual. p. 27. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2016.
- CONTI et al. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. v. 15 n. 2, São Paulo, ago. 2005.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. Revista Linhas, Florianópolis, v. 7, n. 1, jun./dez., 2006.
- HENRIQUE et al. Sexualidade e educação: concepção dos alunos do ensino médio de uma escola pública, MT, Brasil. Biodiversidade, v. 13, n. 2, p. 128, 2014.
- KELEMAN, S. Anatomia emocional: a estrutura da experiência. São Paulo: Summus, 1992.
- LOURO, G. L. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliana et al. (Orgs.). 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. _____ . Cinema e sexualidade. Educação e realidade. 33(1): 81-98, jan./jun. 2008.
- MAIA et al. Psicopatologia no cinema brasileiro: um estudo introdutório. Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo, v. 32, n. 6, p. 319-323, 2005.
- METZ, C. A. Significação do cinema. São Paulo, Perspectiva, 1972. In: SIQUEIRA, V. H. F. Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades. Gênero, Sexualidade e Educação / n. 23, 2011.

MENEZES et al. Proposta de abordagem sobre educação sexual: o uso do filme "Qualquer gato vira-lata". Revista Augustus, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 41-50, jan./jun. 2013.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência? In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: ART-MED, 2004.

ROCHA, M. B.; THOMAZ, C. M.; MATTOS, M. N. Gênero e sexualidade na sala de aula: o uso do cinema como recurso pedagógico. Interfaces da Educ., Paranaíba, v. 6, n. 17, p. 219-246, 2015.

SANTOS, R. C. O papel da escola na prevenção do abuso sexual infantil. 2013. 47 f. Monografia de especialização. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2013.

SCHILD, N. M. J.; PANSERA-DE-ARAÚJO, M. C. Questão de sensibilidade: um filme para conversar sobre a homossexualidade e conceitos básicos de genética. Genética na escola, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 33-35, 2008.

TORRES, C. A.; BESERRA, E. P.; BARROSO, M. G. T. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 296-302, jun. 2007.

DADOS DA AUTORA

Margareth Costa Neves (margarethneves74@gmail.com), mestre em Patologia pela Universidade Federal Fluminense, professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.